



Fausta Deshormes La Valle

AGNÈS DESHORMES

Hoje em dia, para conhecer a legislação em matéria de aborto em Itália ou na Suécia, contactar associações feministas alemãs que promovem a independência económica das mulheres ou conhecer as decisões do Tribunal de Justiça da União Europeia a favor da igualdade entre homens e mulheres... basta pegar no computador e dar quatro cliques. A Europa é a nossa porta.

Era uma vez, bem antes da invenção da internet ou das redes sociais, uma mulher que decidiu aproveitar a máquina burocrática europeia para empoderar as mulheres, abrindo-lhes as portas da informação e levando a Europa à sua porta. Ela estava convencida de que a construção europeia devia avançar com a participação das mulheres; de que, para tornar possível

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/97x6-vn02>

esta participação, elas deviam ser informadas, porque a informação dava a possibilidade de agir e de decidir; e de que, para ter valor, devia ser compartilhada, para impulsionar solidariedade e ação política. Era funcionária da Comissão Europeia, mas tinha o espírito duma militante. E uma força para levantar montanhas.

Inventou uma revista publicada em nove línguas, *Mulheres da Europa*, que, tornando a atualidade das instituições europeias mais compreensível e dando miríades de notícias sobre avanços nas legislações nacionais, vida militante das associações, iniciativas transformadoras ou mulheres pioneiras, mostrou que a mudança era possível e as fronteiras superáveis. Acompanhando a atualidade, publicou as pesquisas mais variadas sobre a situação das mulheres europeias para reforçar conhecimentos e capacitação – direito comunitário a favor das mulheres e sua implementação em cada país-membro; mulheres em Portugal na época do alargamento; igualdade de oportunidades; mulheres no trabalho e discriminações; mulheres da Revolução Francesa na altura do bicentenário; acolhimento das crianças; mulheres e investigação; mulheres e televisão... Lançou uma enorme campanha cívica para que o maior número de mulheres entrasse no primeiro Parlamento Europeu eleito por sufrágio universal. Criou prémios para dar visibilidade e reconhecimento às mulheres inovadoras. Promoveu a criação da primeira plataforma europeia de organizações feministas, o Lobby Europeu das Mulheres, para contar com as vozes das mulheres na área política europeia. Organizou congressos, seminários e viagens de estudo a Bruxelas, Luxemburgo e a outros países-membros. Forjou alianças com militantes, parlamentares, sindicalistas, eleitas locais, funcionárias, professoras, donas de casa, agricultoras, jornalistas, chefes de empresas. E assim, construindo pontes e desenvolvendo laços, lançou as bases duma rede europeia de solidariedade e de intercâmbios entre centenas de organizações de mulheres de doze países.

Tinha uma imaginação inextinguível e um entusiasmo contagioso. O sucesso era grande, a equipa do Serviço de Informação às Mulheres que levava a cabo os projetos era muito reduzida e recebia avalanches de cartas, visitas, pedidos e propostas. Mas ela tinha uma imensa energia e, mesmo perante o escasso apoio da hierarquia – todos homens que não se interessavam ‘pelas estórias de mulheres’ –, não desanimava e alistava o

apoio do Parlamento Europeu. Era paciente, teimosa. Tinha a mente duma combatente.

Esta mulher era Fausta Deshormes La Valle, e era também a minha mãe. Quando já tinha deixado de trabalhar há anos e vivia em Roma, era convidada a participar em conferências a convite de organizações feministas, onde era homenageada. Mulheres diziam o quanto ela tinha desenvolvido um papel importante, o quanto tinha contribuído não só para as suas organizações mas também para elas pessoalmente. De regresso a casa, ela contava-me, com os olhos a brilhar, feliz por, depois de tantos anos, o seu trabalho estar ainda vivo nas memórias. E, de todas as vezes, sem falha, dizia-me quanto as manifestações de gratidão a deixavam surpreendida. Francamente, dizia, não tinha feito nada de especial. Só tinha tido a sorte de fazer um trabalho apaixonante. E de o fazer com paixão.

A paixão, na verdade, nunca se extinguiu na vida de Fausta. Entrou num grupo de militantes para os direitos cívicos, o *Libertà e Giustizia*, que se reuniam na sua casa em Roma. Continuou a falar, a escrever, a alertar, a reunir, a viajar. Sempre teve o mesmo apetite, a mesma vontade de partilhar informações, experiências, entusiasmos e rebeliões. E sempre manteve a convicção de que, apesar de longa e tortuosa, a construção da Europa era um projeto para uma sociedade mais justa e mais solidária, na qual mulheres e homens teriam os mesmos direitos à educação, ao trabalho, à expressão política, ao bem-estar. E como nunca deixou de acreditar, nunca deixou de batalhar.

